

IDENTIDADE MASCULINA E AGRESSIVIDADE: LIMITES PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

MIRELA MARIN MORGANTE *

Resumo: Na sociedade contemporânea de dominação masculina, a linguagem do senso comum constrói as identidades de gênero por meio de uma perspectiva essencialista, de diferenciação e de oposições binárias. A identidade masculina é a positiva, marcada pelo poder, pelo domínio, pela razão, pela frieza e pela agressividade, em oposição à identidade feminina – negativa, é o Outro, o diferente –, que se associa à submissão, à passividade, à paixão, à natureza, à inferioridade, ao cotidiano e à fraqueza. O presente artigo pretende analisar o processo de produção da identidade masculina e suas características, particularmente no que se refere à agressividade presente na dinâmica de identificação dos homens, que dificultam o enfrentamento à violência de gênero. O objetivo é mostrar que com uma produção identitária marcada pela exclusão e pela diminuição do outro, assim como pela violência e pela agressividade, é difícil o rompimento por parte dos homens das relações violentas que permeiam suas vidas, especialmente no que se refere ao rompimento de relações agressivas contra as mulheres.

Palavras Chave: Identificação, Agressividade, Violência de gênero.

Abstract: In the contemporary society of male dominance, the language of common sense constructs gender identities through an essentialist perspective, an differentiation and binary oppositions. Male identity is positive, characterized by power, by domination, by reason, by coldness and by aggressivity, as opposed to female identity - negative, is the Other, the different - which is associated with submission, passivity, passion, nature, inferiority, everyday and weakness. This paper aims to analyze the process of production of male identity and its characteristics, particularly as regards the aggressiveness in this dynamic identification of men, which hinders confronting gender violence. The purpose is to show that with an identity marked by exclusion and by decreasing the other, as well as by violence and aggressivity, it is difficult to break by men from violent relationships that permeate their lives, especially in regard to rupture of aggressive relationships against women..

Keys-words: Identification, Aggressivity, Gender violence.

Artigo recebido em 16 de Agosto de 2014 e aprovado para publicação em 03 de Novembro de 2014

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Brasil. Bolsista da FAPES. (mirela_marin_@hotmail.com)

A produção da identidade masculina

Na década de 1960, principalmente após 1968, emergiram no Ocidente os chamados “novos movimentos sociais”, que questionavam a ordem estabelecida – com as suas hierarquias sociais – e denunciavam “[...] as políticas ‘revisionistas’ e ‘estalinistas’ do bloco soviético e as limitações da política liberal ocidental”.¹ Eram movimentos antibélicos e pacifistas, lutavam pelos direitos civis – abrangendo os direitos dos negros, dos gays e das lésbicas – e realizaram a rebelião estudantil, assim como diversas manifestações feministas. Para Kathryn Woodward², o que definia esses novos movimentos sociais era uma preocupação no que diz respeito à identidade, sua significação, sua produção e de que maneira ela é contestada.

O apelo à identidade pelos novos movimentos sociais podia ser feito de duas diferentes maneiras: por meio de uma perspectiva essencialista – na qual há uma busca, na história ou na biologia, de uma identidade fixa e imutável – ou por uma dimensão não essencialista – em que se enfatiza o aspecto fluido e não fixo das identidades coletivas.³ Segundo Tomaz Tadeu da Silva⁴, o processo de identificação é semelhante ao que acontece com os mecanismos linguísticos nos quais ele se baseia, de forma que assim como nos atos discursivos, a tendência da identidade é para a fixação, ou seja, para uma perspectiva essencialista.

Mas, se os movimentos sociais, imbuídos de um questionamento político, até poderiam adquirir uma compreensão não essencialista das identidades culturais, o mesmo não se pode dizer da linguagem do senso comum. Para Stuart Hall⁵, no senso comum “[...] a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”. É nesse ponto que a questão da identidade de gênero, particularmente da

¹ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 7-72. p. 34.

² WOODWARD, 2011.

³ WOODWARD, 2011.

⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: __. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 73-102.

⁵ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 103-133. p. 106.

identidade masculina, adquire sentido. Conforme Silva⁶, na dinâmica da identidade de gênero o apelo à essência biológica é evidente, na medida em que a dominação masculina se utiliza da justificativa biológica para se legitimar.

Nessa perspectiva, Durval Muniz de Albuquerque Júnior⁷ demonstra a estreita ligação entre o corpo e o comportamento dos homens na definição da masculinidade na sociedade contemporânea. Para o autor, o corpo “do macho” e as atitudes que esse corpo reproduz devem ser rigorosamente diferenciados e afastados de tudo aquilo que remeta ao feminino, em uma dinâmica de naturalização dos comportamentos sociais. O corpo masculino deve ter músculos bem definidos, deve ser rude, rústico, viril, másculo, sem nenhum relaxamento e nenhuma delicadeza. Os comportamentos dos homens precisam corresponder à verdade de seu corpo, carecem asseverar sua força, seu poder, sua objetividade.⁸ A mulher, por seu turno, “[...] seria o corpo sensível, sedutor, erótico, macio, móvel, insinuante, que arrastaria o homem para a perdição, para a perda de si mesmo”.⁹

A identidade masculina, portanto, somente pode ser produzida por meio da marcação da diferença, do que ela não é, isto é, a identificação masculina não pode ser e tampouco deve ter alguma relação com o que se associe ao feminino. “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença”.¹⁰ Identidade e diferença são interdependentes e são produzidas continuamente nas relações sociais e culturais. Conforme Woodward¹¹, a marcação da diferença – de que depende a identidade para ser fabricada – pode ser realizada por meio de sistemas simbólicos de representação e também por maneiras de exclusão social. Tanto o processo de diferenciação simbólico como o social são formulados nas relações sociais por meio de sistemas classificatórios, cujo objetivo é produzir significados. O componente-chave dos sistemas classificatórios é justamente a marcação da diferença. Segundo a autora, as maneiras utilizadas pela cultura para demarcar as fronteiras e distinguir a diferença “[...] são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa

⁶ SILVA, 2011.

⁷ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21-34.

⁸ JÚNIOR, 2010.

⁹ JÚNIOR, 2010, p. 26.

¹⁰ WOODWARD, 2011, p. 40.

¹¹ WOODWARD, 2011.

uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições [...]”.¹²

Para Silva¹³, a identidade e a diferença são atos de criação linguística e, enquanto tal, “[...] estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral”. O autor faz referência à teoria linguística de Saussure, segundo a qual a linguagem é basicamente um sistema de diferenças, pois os elementos que a compõem não têm significado e nenhum sentido quando considerados de forma isolada. Os signos da linguagem dependem da diferença para adquirirem valor e sentido. Silva acrescenta a contribuição do teórico pós-estruturalista Derrida, para quem o signo tem uma característica fundamental que faz da linguagem um sistema de significação instável, qual seja, o signo é sempre o sinal da presença, mas nunca é a presença em si, há apenas a ilusão da presença do referente. A impossibilidade da presença do signo, segundo Silva¹⁴, faz com que ele necessite da diferença para existir.

Assim, o signo linguístico é marcado por duas características que são sintetizadas no conceito de *différance* de Derrida: pelo adiamento da presença e pela diferenciação com relação aos outros signos.¹⁵ Como salienta Stuart Hall¹⁶, o processo de identificação é efetuado por meio da *différance*, “[...] ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteiras’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui”.

Como a marcação da identidade e da diferença é uma ação propriamente linguística, envolvendo sistemas classificatórios que dão significado aos elementos discursivos – representações e símbolos, por exemplo –, é evidente o seu envolvimento com a ordem social e com as relações de poder existentes em cada sociedade. Os sistemas de pensamento vigentes expressam, amiúde, a afirmação identitária e a marcação da diferença por meio de operações de inclusão e exclusão.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica

¹² WOODWARD, 2011, p. 42.

¹³ SILVA, 2011, p. 77.

¹⁴ SILVA, 2011.

¹⁵ SILVA, 2011.

¹⁶ HALL, 2011, p. 106.

dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada à uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.¹⁷

Conforme Silva, a divisão entre “nós” e “eles” é uma forma de classificação social que traz embutida uma hierarquização dos termos, na medida em que quem detém o poder de classificar determina o valor de cada um dos termos classificados.¹⁸ A forma de classificação mais importante é aquela baseada nas oposições binárias, ou seja, nos dualismos evidentes em oposições cristalinas – como natureza e cultura, corpo e mente, paixão e razão, masculino e feminino, branco e negro.¹⁹ Para Silva e Woodward²⁰, nas oposições binárias um dos termos é sempre mais valorizado que o outro, um sempre tem um valor positivo enquanto o outro recebe uma carga negativa. E Silva²¹ salienta: “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam”.

Nesse sentido, a identidade masculina e a identidade feminina são produzidas em uma sociedade de dominação masculina como uma oposição binária. A identidade masculina é a que adquire um valor positivo, enquanto o feminino é a diferença, com um valor negativo. Segundo Paulo Roberto Ceccarelli²², o sistema binário repete de forma ilimitada o que são características femininas e o que são características tipicamente masculinas. O autor acrescenta que a masculinidade deve sempre ser provada pelos homens, é continuamente construída por eles, de maneira que, “não é por acaso que tantos tabus, proibições e expedientes são necessários para salvaguardar a masculinidade do perigo de contaminação pela feminilidade”.²³ Tal é a negatividade que a identidade feminina adquiriu que ela aparece para a identidade masculina como uma ameaça de contaminação.

¹⁷ SILVA, 2011, p. 82.

¹⁸ SILVA, 2011.

¹⁹ SILVA, 2011; WOODWARD, 2011.

²⁰ SILVA, 2011; WOODWARD, 2011.

²¹ SILVA, 2011, p. 83.

²² CECCARELLI, Paulo Roberto. A construção da masculinidade. In *Percurso*, São Paulo, v. 19, n. 10-11, p. 1-7, mai./jun. 1998. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=262>. Acesso em 14 ago. 2014.

²³ CECCARELLI, 1998, p. 7.

Outro aspecto que merece atenção quando se trata da hierarquização das identidades e das diferenças é o processo de normatização. Segundo Silva²⁴, a dinâmica de normatização é uma das formas mais sutis de manifestação do poder nas relações de identidade e diferença. O autor esclarece que normatizar é estabelecer uma identidade como a norma, o “natural”, o único, o desejável, além de todas as outras características positivas possíveis. É com base em uma identidade eleita como a norma que as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. “A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade”.²⁵ Por conseguinte, as identidades hegemônicas acabam não sendo consideradas identidades, já que são consideradas o “normal”. Quem afirma determinada identidade são os grupos socioculturais de minorias. Silva²⁶ considera que “numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, ‘ser branco’ não é considerado uma identidade étnica ou racial. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade”.

Pierre Bourdieu²⁷ evidencia com clareza de que maneira a oposição e a hierarquização entre masculino e feminino estão inscritos na ordem social, particularmente nas relações sociais da sociedade contemporânea de dominação masculina. Para o autor, a ordem social é formada por divisões, especificamente por uma divisão sexual que vai assentando gradualmente dois *habitus* distintos que, por sua vez, “[...] levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino”.²⁸ Assim, muitas oposições binárias, apesar de não terem uma relação direta com as identidades de gênero, acabam por fazerem alusão à oposição entre o masculino e o feminino, como é o caso das oposições natureza e cultura, corpo e mente, paixão e razão, já mencionados. Sempre lembrando que um dos termos – os associados ao masculino – têm sempre o caráter positivo enquanto o outro – que se associa ao feminino – recebe um valor negativo.

Bourdieu exemplifica, mostrando que os homens se situam no exterior, no oficial, na esfera pública, no campo do direito, se associam ao seco, ao alto, à descontinuidade. São eles os responsáveis pelas ações ligeiras, arriscadas e sensacionais, como matar animais – porcos,

²⁴ SILVA, 2011.

²⁵ SILVA, 2011, p. 83.

²⁶ SILVA, 2011, p. 83.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

²⁸ BOURDIEU, 2010, p. 41.

bois, entre outros –, realizar a colheita, ir para a guerra ou cometer um homicídio, atos que “[...] marcam rupturas no curso ordinário da vida”.²⁹ Às mulheres, cabem-lhes as posições opostas às masculinas, devem se situar na esfera privada e escondida, para o autor, ao mesmo tempo invisível e vergonhosa, realizando trabalhos domésticos, cuidando das crianças e dos animais e lidando com a água, com a erva e com o verde – em uma associação mítica – e ainda, responsável pelos trabalhos mais sujos, monótonos e humildes. Elas ficam no lado “[...] do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo [...]”.³⁰ Isto é, a identidade masculina é positiva e desejada, enquanto as características, os comportamentos e até mesmo as palavras relacionadas ao feminino adquirem um valor negativo, muitas vezes humilhante.

Tais divisões sexuais não estão inscritas somente na objetividade da vida social, como no trabalho ou na reprodução biológica, mas também na subjetividade, “[...] sob a forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas”.³¹ Para Bourdieu³², na dominação masculina a divisão sexual está inscrita em todas as coisas e nos corpos, dirigindo as percepções, os pensamentos e as ações dos sujeitos em conformidade com a primazia masculina e os princípios de divisão androcêntricos, “[...] como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais”.

É importante compreender que a dinâmica de identificação de gênero é produzida em uma sociedade de dominação masculina, o que implica representações, símbolos e práticas culturais que marcam a identidade e a diferença na forma de exclusão, de diminuição do outro, no caso, o feminino. Ou seja, há que se considerar a produção das identidades por meio de discursos construídos em “[...] locais históricos e institucionais específicos, no interior de formação e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”.³³ Mas, como evidencia Hall³⁴, na produção identitária, a dinâmica da “interpelação” – o chamamento do sujeito pelo discurso hegemônico – exige que os processos subjetivos que constroem os sujeitos com os quais os discursos interpelativos podem dialogar, sejam considerados. Assim, no processo de identificação devem ser considerados tanto os discursos e as práticas que

²⁹ BOURDIEU, 2010, p. 41.

³⁰ BOURDIEU, 2010, p. 41.

³¹ BOURDIEU, 2010, p. 20.

³² BOURDIEU, 2010, p. 45.

³³ HALL, 2011, p. 109.

³⁴ HALL, 2011.

“interpelam” os sujeitos para que eles assumam uma posição-de-sujeito, quanto os aspectos subjetivos que permitem o investimento dos sujeitos nas posições-de-sujeito, construídas pelas práticas discursivas.³⁵

Hall³⁶ explica que essa articulação entre os sujeitos e os discursos culturais é o ponto de “sutura”, o ponto de encontro ao qual se refere o termo “identidade”. Segundo o autor, para uma efetiva suturação do sujeito a uma posição-de-sujeito – para a confluência do sujeito às práticas de significação – é necessário que haja além da “interpelação” do sujeito pelo discurso, o investimento por parte do sujeito naquela posição, em uma dinâmica de articulação. Nesse sentido, as identidades culturais são posições das quais o sujeito tem por obrigação apropriar-se, não obstante ele saiba que tais posições são continuamente representações e, “[...] que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos”.³⁷

Trazendo a discussão para a identidade masculina, pode-se dizer que os homens se sentem cotidianamente na obrigação de assumir a sua identidade de gênero, apesar de saberem que nunca é possível alcançá-la plenamente. E Hall³⁸ faz ainda uma consideração significativa acerca do processo de identificação. Para o autor, apesar das identidades surgirem a partir da “narrativização do eu”, de uma sensação de pertencimento e da “suturação à história”, ou seja, de dinâmicas construídas em parte na ficção, na imaginação e na fantasia, isso não significa que elas não tenham uma “[...] eficácia discursiva, material ou política”.³⁹ Isto é, o processo de suturação entre o sujeito e as práticas discursivas é eficiente, a tal ponto que o sujeito se sente obrigado a assumir determinada identidade coletiva, determinada posição-de-sujeito.

Compreendida a dinâmica de produção da identidade e da diferença, abordaremos agora, especificamente, as características e o funcionamento da identidade masculina. Na medida em que se entende a importância da diferenciação, ou melhor, da *différance* na construção das identidades, a articulação entre o processo de “interpelação” e as subjetividades que fazem com que o sujeito assumam uma posição-de-sujeito, e também, a

³⁵HALL, 2011.

³⁶HALL, 2011.

³⁷ HALL, 2011, p. 112.

³⁸HALL, 2011.

³⁹ HALL, 2011, p. 109.

vigência de uma ordem social de dominação masculina, é possível nos atermos à identidade masculina propriamente.

Identidade masculina e violência

Podemos destacar a necessidade de afirmação da honra, da virilidade e de uma posição dominante como pontos de referência que se entrelaçam na produção de uma dinâmica de identificação masculina. Conforme Sócrates Nolasco⁴⁰, “como produto da ideologia patriarcal, a relação entre os homens se funda na busca de identificações, [...] com o que neles há de comum com o modelo masculino socialmente definido”. Nesse sentido, a honra, a virilidade e a posição dominante que os homens acreditam deverem prezar – como resultado da articulação entre práticas discursivas e as subjetividades do sujeito – se materializam no trabalho, no desempenho sexual, no controle sobre as mulheres e na violência.

Segundo Nolasco⁴¹, o trabalho é uma dimensão de grande importância na vida dos homens, pois é por meio da função trabalhista que eles se sentem reconhecidos e aceitos socialmente. Para o autor, o trabalho representa a divisão entre o público e o privado e tem duas funções primordiais na vida dos homens: “a primeira é ser o eixo por meio de que se estruturará seu modo de agir e pensar. A segunda função é inscrever sua subjetividade no campo da disciplina, do método e da violência, remetendo-os a um cotidiano a um cotidiano repetitivo”.⁴²

Com tamanho valor dado pelos homens ao trabalho, Nolasco⁴³ afirma a situação de desemprego é o grande temor masculino, pois eles enfrentam um sentimento de desvalorização e de angústia quando isso ocorre. Para o autor, “estar empregado passou a ser, para um homem, um referencial de honra, dignidade e respeito [...]”.⁴⁴ José Eustáquio Diniz Alves⁴⁵ entra em consonância com Nolasco a respeito da importância do trabalho na vida dos homens, apontando que o valor social e familiar dos homens é diretamente proporcional ao

⁴⁰ NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 58.

⁴¹ NOLASCO, 1995.

⁴² NOLASCO, 1995, p. 50.

⁴³ NOLASCO, 1995.

⁴⁴ NOLASCO, 1995, p. 65.

⁴⁵ ALVES, José Eustáquio Diniz. Gênero e linguagem na cultura brasileira: elementos para reflexão sobre uma diferença. In: LOYOLA, Maria Andréa. *Bioética: reprodução e gênero na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro/Brasília: Letras Livres, 2005.

sucesso no âmbito profissional. “O mesmo não vale para as mulheres. O sucesso feminino fora do ambiente doméstico não lhe garante, necessariamente, o reconhecimento social”.⁴⁶

Da mesma maneira que o trabalho masculino atesta a virilidade, a honra e a posição dominante do homem na sociedade, o desempenho sexual e o controle sobre a sexualidade feminina também representam a identidade dos homens na sociedade contemporânea. Conforme Alves⁴⁷, a sexualidade masculina é caracterizada pelo “[...] distanciamento emocional, agressividade, múltiplas parcerias e comportamento de risco”. O homem deve ser sempre ativo e viril nas práticas sexuais, conquistando e tomando iniciativas voltadas para a efetivação do sexo.⁴⁸ Enquanto a identidade masculina tem como referência o pleno exercício da sexualidade, ou seja, a afirmação da virilidade por meio da livre atuação do falo, as mulheres devem prezar pela passividade, pela submissão e pela quietude. Bourdieu⁴⁹ deixa claro que a honra masculina está subordinada à atuação sexual das mulheres, isto é, para os homens assegurarem sua honra, devem controlar a sexualidade feminina.

Para Nolasco⁵⁰, o desempenho sexual masculino acaba cumprindo duas funções na sociedade de dominação masculina: primeiro, ele é o atestado da virilidade do homem e, segundo, é uma forma de extravasar as tensões latentes. E o autor complementa dizendo que o imaginário masculino “[...] está permeado por marcas de força, poder e dominação, tanto do outro quanto de si. No âmbito sexual não é diferente, os homens limitam seu prazer a dominar e subjugar, reproduzindo no âmbito privado o que se passa na esfera pública”.⁵¹

Nolasco⁵² entende que a violência é uma marca da identidade masculina, na medida em que as atitudes agressivas são utilizadas pelos homens para reafirmar seu poder hegemônico, quando este se encontra ameaçado. Segundo o autor, a sociedade androcêntrica exige que os homens ocupem posições de prestígio e sejam soberanos. O uso da violência é uma maneira de cumprir esse apelo social, quando não há outra forma de exercê-lo. Assim,

A violência move e sustenta a balança de poder entre os homens, na medida em que funciona como dispositivo para reverter ou manter determinada correlação de forças

⁴⁶ ALVES, 2005, p. 245.

⁴⁷ ALVES, 2005, p. 247.

⁴⁸ ALVES, 2005.

⁴⁹ BOURDIEU, 2010.

⁵⁰ NOLASCO, 1995.

⁵¹ NOLASCO, 1995, p. 71.

⁵² NOLASCO, 1995.

que lhes é solicitada socialmente. [...] A violência passou a ser uma ferramenta por meio da qual o homem busca materializar o que para ele está prescrito no imaginário da cultura do Ocidente.⁵³

Nessa perspectiva, na relação afetiva com uma mulher, amiúde o homem procura exercer sua autoridade soberana. Mas não são somente os seus próprios comportamentos que os homens fiscalizam constantemente. Muitas vezes, suas companheiras são alvos de um olhar severo, qualquer comportamento que fuja à lógica da mulher submissa, passiva e recatada, pode atingir a hegemonia e mesmo a honra masculina. Heleieth Saffioti⁵⁴ salienta que em uma relação amorosa, o homem – acostumado a ser considerado o “todo-poderoso” – não se conforma em a mulher querer abandoná-lo para ficar com outro, ou mesmo devido aos constantes maus-tratos por parte dele. “Qualquer que seja a razão do rompimento da relação, quando a iniciativa é da mulher, isto constitui uma afronta para ele. Na condição de macho dominador, não pode admitir tal ocorrência, podendo chegar a extremos de crueldade”.⁵⁵ Com as atitudes agressivas constituindo uma parte significativa de sua identidade, os homens estão habituados a se utilizar da violência para fazer valer o *status quo*, e a sociedade de dominação masculina legitima esse tipo de ação.

Júnior⁵⁶ demonstra como a identidade masculina é construída com base na violência, fazendo um paralelo entre o corpo masculino e os comportamentos que esse corpo reproduz, em uma abordagem que unifica corpo, comportamento, sentimento e ambições. O autor esclarece as representações, os símbolos e as práticas que são os parâmetros no processo de identificação masculino:

Um macho que se preze é agressivo na vida e com as pessoas, caracteriza-se pela vontade de poder, de domínio, exige subordinados e subordinações, notadamente das mulheres. Um macho não deixa transparecer publicamente suas emoções e, acima de tudo, não chora, não demonstra fraquezas, vacilações, incertezas. Um macho tem opiniões firmes e incontestáveis, tem uma só palavra, não aceita ser contrariado ou contestado, notadamente por mulheres. Um macho não adoece, não tem fragilidades nem físicas, nem emocionais, frescuras. [...] Um macho é um ser competitivo, está sempre disputando com outros machos a posse das coisas e das pessoas. Um macho é objetivo, racional, até frio e cruel, calculista, não se deixando

⁵³ NOLASCO, 1995, p. 60-61.

⁵⁴ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

⁵⁵ SAFFIOTI, 2011, p. 62.

⁵⁶ JÚNIOR, 2010.

levar por sentimentos. Um macho é desleixado, sem vaidade, é um homem natural, sem artifício, sem polidez.⁵⁷

Vê-se que o poder, o domínio, o ato de subordinar, a agressividade, a frieza e a violência fazem parte da identidade masculina. Com uma identidade construída de tal forma, e ainda com uma perspectiva do Outro inferior, menor, humilhante – seu outro constitutivo, sua diferença, ou seja, as mulheres, a identidade feminina –, é difícil incutir a ideia da não violência contra as mulheres, haja vista a naturalização que essa violência adquire cotidianamente.

Sempre relacionando o corpo à produção das identidades dos sujeitos, Júnior⁵⁸ segue observando como o corpo masculino é docilizado, censurado, domado, controlado, castrado, apagado. É um corpo que não pode demonstrar qualquer sensibilidade, fraqueza, não pode expressar os afetos e deve estar protegido das ameaças externas, que possam violá-lo ou mesmo amolecê-lo. Para o autor, o corpo dos homens é visto como um instrumento – e, portanto, mecânico – que serve a si próprio, é um corpo “[...] autocontrolado, autocentrado, autoerotizado, autista, fechado, travado. O corpo masculino teme a fuga, teme o desejo, teme o afeto, teme tudo que o possa arrastar para fora de si mesmo, possa gerar o descontrole, a abertura, a fragmentação, a viagem”.⁵⁹ Ou seja, teme o corpo feminino, que representa a perdição, a desrazão, a embriaguez, deve dele se afastar ao mesmo tempo em que deve possuí-lo. O corpo masculino deve defender a si mesmo, reagir ao externo – é reacionário – deve se dominar. “Um corpo dominado para dominar, domesticado para domesticar, corpo apolíneo, corpo disciplinado, treinado, adestrado, sob controle”.⁶⁰

Conforme Júnior⁶¹, os conflitos sociais e guerras ocorridas no Ocidente estavam associadas à um ideal de virilidade, de força, de coragem, de valentia e, porque não, de honra e da posição dominante masculina. Para o autor, a sociedade burguesa logrou em combater o mito do cavaleiro medieval e da nobreza guerreira – sem eliminar a guerra –, mas em contrapartida, forjou novos espaços nos quais a agressividade e a virilidade masculinas devem se manifestar, qual seja, no âmbito público, na competição do mercado, nas empresas. Até mesmo a racionalidade, tão enaltecida pelo Iluminismo, “[...] é pensada como um atributo

⁵⁷ JÚNIOR, 2010, p. 23-24.

⁵⁸ JÚNIOR, 2010.

⁵⁹ JÚNIOR, 2010, p. 25-26.

⁶⁰ JÚNIOR, 2010, p. 27.

⁶¹ JÚNIOR, 2010.

privilegiado do masculino, justamente, por seu caráter conquistador, dominador, combativo. [...] uma racionalidade que esquadrinha, julga, separa, divide, classifica, ordena, toma posse e domina tudo aquilo que lhe é estranho, que lhe é diferente”.⁶²

Com uma subjetividade identitária construída com base em diversas formas de agressividade, a violência contra as mulheres aparece como uma das manifestações da violência masculina. A agressão de que seu corpo e sua subjetividade são alvos faz com que os homens se utilizem sempre da violência, especialmente contra os grupos sociais mais fracos – mulheres e crianças – como uma forma de manterem seu status, ou mesmo porque o homem já “[...] aprendeu a desconfiar da fraqueza, a ter horror da fragilidade, a se irritar com elas”.⁶³ Júnior explica que na sociedade contemporânea os homens vêem as mulheres como objeto de domínio, de posse e de prazer imediato, eles as desejam sexualmente, mas também devem gostar delas. Contudo, o autor salienta, “numa sociedade como a nossa, nessa máquina de fabricar machos, os machos só gostam é de si mesmos, pois só se pode gostar verdadeiramente, só se pode amar o que se admira, o que parece digno desse afeto”.⁶⁴

Na realidade do cotidiano, as mulheres que são idealizadas pelos homens – como submissas, passivas, mulheres-objetos – rapidamente mostram que elas não existem plenamente. Assim como a identidade masculina nunca é totalmente vivida pelos homens, a feminina também não o é. Elas desejam, reclamam, disputam poder e domínio com os homens, amiúde não aceitam os papéis sociais de gênero que a sociedade masculina impõe à identidade feminina.⁶⁵ E, assim como observou Heleieth Saffioti⁶⁶ acerca da não aceitação por parte do homem do rompimento da relação amorosa pela mulher, que significa uma subversão da hierarquia de poder, também Júnior⁶⁷ considera que o homem se sente ressentido e desorientado quando a mulher o interroga, o nega, o abandona, o desrespeita e, “[...] não encontrando consolo, muitas vezes, a não ser em eliminar este outro, em matar a mulher como forma de se afirmar macho, preocupado que está com sua perda de status, com o que vão dizer os outros homens, que são os seus juízes, a quem deve sempre satisfação”.

⁶² JÚNIOR, 2010, p. 29.

⁶³ JÚNIOR, 2010, p. 30.

⁶⁴ JÚNIOR, 2010, p. 30.

⁶⁵ JÚNIOR, 2010.

⁶⁶ SAFFIOTI, 2011.

⁶⁷ JÚNIOR, 2010, p. 30.

Nesse sentido, analisando o discurso do homem que praticou a violência contra a mulher, Alvez e Diniz⁶⁸ constataram que a incorporação da mulher no mercado de trabalho, assim como ela não querer mais ser dona de casa, atitudes que fogem do modelo de comportamento feminino, são fatores apresentados pelos agressores como motivos para o cometimento da violência. Como observam as autoras, “[...] o fato da esposa trabalhar fora constitui para o homem uma ameaça e uma humilhação para a sua condição de provedor e chefe da família, principalmente se a esposa-companheira tiver um salário maior que o dele”.⁶⁹ A inserção da mulher no mercado de trabalho provoca uma alteração na hierarquia doméstica, no padrão de autoridade e domínio do homem sobre a mulher, além de uma nova distribuição das responsabilidades do lar e do maior contato da mulher com o mundo público. Com isso, o ideal da identidade feminina é frequentemente subvertido, é comum elas se negarem a exercer a função de dona de casa, fato este tido como inaceitável por aqueles que consideram essa função como sendo parte do destino biológico da mulher. Diversos agressores explicaram a violência na relação conjugal pela companheira não estar em consonância com esse estereótipo de comportamento de gênero.⁷⁰

O apego às identidades de gênero, produzidas tendo como parâmetro uma essência biológica, faz com que o homem procure sempre estar de acordo com a sua identidade e defina, a partir daí, “[...] o modo de ser marido e mulher na relação conjugal, numa perspectiva assimétrica e hierarquizada [...]”.⁷¹ Portador desse ideal de conduta de gênero, o homem pratica e justifica a violência contra a mulher quando esta não se adéqua ao seu papel social de gênero.⁷² Assim, conforme Alves e Diniz⁷³,

Embora tenha havido mudanças nos padrões de família com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, principalmente no que tange à maior participação dos homens na realização de tarefas domésticos e cuidados com os filhos, os ideais de família, com base no modelo patriarcal, ainda permanecem vigentes no imaginário social masculino. Nesse sentido, o marido deve ser o chefe

⁶⁸ALVES, S. B.; DINIZ, N. M. F. "Eu digo não, ela diz sim": a violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 58, n. 4, p. 387-392, jul./ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672005000400002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jun. 2014.

⁶⁹ALVES; DINIZ, 2005, p. 390.

⁷⁰ ALVES; DINIZ, 2005.

⁷¹ALVES; DINIZ, 2005, p. 387.

⁷²ALVES; DINIZ, 2005.

⁷³ ALVES; DINIZ, 2005, p. 391.

da casa e principal provedor da família e as mulheres devem ser responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos.

Como, então, evitar a violência de gênero? A violência do homem contra a mulher que ocorre pelo fato da vítima ser uma mulher, ou seja, por a vítima carregar consigo todas as marcas da inferioridade, da submissão, da paixão, da perdição, da natureza, do cotidiano, do contínuo, do baixo, do úmido, da fraqueza. Em uma sociedade de dominação masculina, em que as identidades de gênero são produzidas como uma oposição binária essencialista, na qual a identidade masculina carrega um sentido positivo enquanto a identidade feminina é o Outro, o diferente, com um sentido negativo, como fazer os homens amarem as mulheres, fazer eles a verem como sujeitos, carregadas de positividade, que não merecem ser agredidas, violentadas, rebaixadas?

A sociedade está mudando, mas a identidade masculina ainda carrega traços que dificultam o enfrentamento da violência de gênero. É uma identidade agressiva por excelência, apática, competitiva, com sede de poder e de domínio. É evidente que há uma articulação entre as subjetividades do sujeito e as posições-de-sujeito que os discursos e práticas de uma sociedade de dominação masculina exigem que o homem assuma. Mas é necessário pensar em como desconstruir essa identidade masculina pautada em tamanho descaso, tamanha violência, que mata e agride não somente as mulheres, como também os próprios homens. Como salienta Júnior⁷⁴, “os homens precisam ter modelos alternativos de subjetividade para se elaborarem, é preciso ser pensados diferentemente para serem diferentes, precisam ser educados de nova forma para adquirirem novas formas de ser”. Há que se pensar em todos os âmbitos nos quais as relações sociais reproduzem cotidianamente as identidades de gênero, que agem tanto na subjetividade quanto na objetividade da vida social, para elaborar a mudança, a produção de novas identidades, que não sejam essências e não carreguem oposições nem dualismos.

⁷⁴ JÚNIOR, 2010, p. 28.

Referências Bibliográficas

Livros

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

Capítulos

- ALVES, José Eustáquio Diniz. Gênero e linguagem na cultura brasileira: elementos para reflexão sobre uma diferença. In: LOYOLA, Maria Andréa. *Bioética: reprodução e gênero na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro/Brasília: Letras Livres, 2005.p.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 103-133.
- JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21-34.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: __. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 73-102.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 7-72.

Artigos de periódicos

- ALVES, S. B.; DINIZ, N. M. F. "Eu digo não, ela diz sim": a violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 58, n. 4, p. 387-392, jul./ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672005000400002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jun. 2014.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. A construção da masculinidade. In *Percursos*, São Paulo, v. 19, n. 10-11, p. 1-7, mai./jun. 1998. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=262>. Acesso em 14 ago. 2014.
- NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. In: NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org.). *Dimensões Revista de História da Ufes*, Vitória, v. 14, p. 461-480, 2002.